

Alexandre Santos

Capibaribe

vida e morte de um vale



ALEXANDRE SANTOS

CAPIBARIBE

VIDA E MORTE DE UM VALE



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
Gérman Cárceres
Caio Porto
Carlos Newton Júnior



Os rios dão vida e alma aos lugres

A Seu Bebé, que afrontava os botos,
nadando entre eles nas águas do
Capibaribe

CAPIBARIBE

VIDA E MORTE DE UM VALE

No início dos tempos, após descer a serra que depois soube chamar-se Jacarará sob o testemunho de capivaras ancestrais, recebendo aqui e acolá a energia líquida de setenta e quatro regatos e riachos, largos ou estreitos e compridos ou curtos conforme a textura da região, entregando graciosamente o farto oxigênio em si dissolvido às guelras ávidas dos peixes de todos os tamanhos que, nele, tinham berço e morada, dando de comer e de beber a todos que o procuravam, cruzando descampados e serpenteando várzeas, espalhando braços pelo manguezal repleto de caranguejos,

chiés, camarões e pitus num abraço molhado às ilhas do sol e da lua, o Capibaribe encontrava irmãos menos caudalosos num delta monumental e mergulhava como um punhal de vida no oceano azul. Era um tempo de paz. No majestoso sulco cortado pela água límpida no cristalino rochoso desde uma época imemorial, singravam carabebas, carapicus, saramonetes, camurizotes, tainhas, bagres, jacarés, sucuris, peixes-elétricos, tartarugas e peixes-boi empenhados na guerra santa pela sobrevivência, pastando entre as baronesas, atanazando e sendo atanazados uns pelos outros conforme o plano de Deus. No grande jogo da vida, vindos de um mar isento de tubarões, acompanhados por botos caçadores e brincalhões, camurins, carpas e meros subiam rio acima na

faixa salobra para a desova que garantia a posteridade de cada espécie.

Os séculos passaram. Muita coisa mudou. A areia grossa criada pelo cansaço dos seixos ante a perseverança da água cedeu grãos ainda menores, que, de tão leves, se deixavam facilmente arrastar pelo suave turbilhão através do curso, decantando ao bel prazer da marola para reduzir a profundidade e alterar o formato original do rio. E, então, conforme o grande acordo consagrado nas leis da natureza, ganhou curvas, coroas e margens escurecidas e lubrificadas pelo óleo criado pela renovação da vida através dos tempos. As terras do império molhado do Capibaribe ganharam números e nomes. Os homens fizeram medidas e afirmaram-no estender-se por 240 km numa bacia

de 5.880 km². Políticos fatiaram o vale testemunha do seu navegar em 42 glebas, dando-lhes nomes bonitos como Poção, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Carpina, Paudalho, São Lourenço da Mata, Recife.

Viu a paisagem mudar. Em seu entorno surgiram lugarejos e bairros. No Recife – região próxima do encontro com os irmãos menores Beberibe, Jequiá, Tejipió, Jordão e Pina e com o irmão maior, o mar –, viu surgir as comunidades da Várzea, Caxangá, Apipucos, Monteiro, Poço da Panela, Santana, Casa Forte, Torre, Capunga, Derby, Madalena e das ilhas do Leite, do Retiro, de Joana Bezerra, de Santo Antônio, de São José e a do Recife, a mais famosa da região. No começo, eram povoados rarefeitos, mas, depois,

com o passar dos anos, se converteram em formigueiros, amontoando gentes em favelas, palafitas e arranha-céus. Pagando prendas, então, suportáveis, viu a construção de palácios: o de Friburgo, mandado construir por um tal Maurício de Nassau, o de Joaquim Nabuco, onde se reúnem os homens que dizem representar o povo do Estado, o do Campo das Princesas, onde mora e trabalha o homem que governa o Estado. Em certos trechos viu o céu ser encoberto por pontes construídas para fingir que ele próprio não existia, possibilitando a travessia de pessoas e carros de lá para cá e vice-versa sem a ajuda dos barcos que o cruzavam pela superfície como se fossem peixes de pau e ferro.

Os sinais eram claros. O império do Capibaribe minguava a cada dia,

dando lugar ao império do homem, que se fazia Deus. Em busca de terras, o homem aterrou-lhe as margens, estreitando a calha como se corrigisse erros cometidos pela natureza ao longo dos milênios. Querendo se livrar de entulhos, o homem passou a usá-lo como lixeira, maculando a água pura com todo o tipo de sujeira como se desprezasse o oxigênio nela dissolvido. Pouco a pouco, estrangulado e poluído, o Capibaribe viu a morte em seu entorno e se viu morrer. Sem oxigênio e sem alternativa, os animais e as plantas aquáticas morreram. Sem ter onde nascer, a vegetação ciliar desapareceu. Até a areia que lhe dava leito exauriu-se. E, como os outros rios, o Capibaribe percebeu que, interessado apenas em usufruir a generosidade da natureza, ao

invés de amá-lo, o homem o agredia continuamente.

Foi quando veio alguma luta.

Sabendo que, desde sempre, a terra molhada lhe pertencia, o Capibaribe reagiu algumas vezes. Lembrava de quando aproveitava o reforço das chuvas para tentar retomar as áreas aterradas e fazer valer as margens originais desenhadas no plano divino, distribuindo dor e sofrimento sem escolher a quem, penalizando inocentes e culpados com a mesma violência. Uma vez, tomado pela fúria e decidido a demarcar posse sobre o antigo vale, arrastou tudo o que estava pela frente, comprometendo, inclusive construções importantes como a ponte que ligava as ilhas do Recife e de São José, famosa por girar o estrado para alternar a circulação de carros e navios,

a ponte da Torre, cujos encontros não foram calculados para a repentina força das águas, e a ponte metálica da Boa Vista, cuja instalação exigira o estreitamento da calha para permitir o aproveitamento da estrutura curta encomendada na Grã-Bretanha para aplicação em pequeno rio na África e trazida por engano para o Recife. De pouco adiantava os surtos de revolta, pois, passada a chuva, o rio voltava ao leito designado pelo homem e, impotente, via a reconstrução das coisas que o agrediam. No lugar da ponte giratória, por exemplo, viu surgir a nova ponte 12 de setembro. Para recompor a estrutura abalada, a velha ponte da Torre fora implodida para dar lugar à nova ponte da Torre. Sem qualquer preocupação em adaptar a antiga estrutura metálica, o homem

reconstruiu a ponte da Boa Vista, refazendo os aterros que o estreitavam e, não satisfeito, ainda construiu pilares intermediários reduzindo, ainda mais, a superfície de escoamento das águas.

A lição era clara: as coisas mudavam para ficar como estavam.

Sem compreender a natureza das forças que levavam o Capibaribe a insistir na retomada da calha original, o novo imperador da Terra fez valer a inteligência funcional e, decidido a manter as recentes conquistas, ergueu barragens e domou a força das águas, privando-o da única arma que dispunha contra os agressores. Na realidade, o homem foi mais longe e, abusando do poder recém adquirido, escondeu as próprias responsabilidades para inverter culpas e culpados com gritos como “Tapacurá

estourou”, que resumiam o caráter vil atribuído ao Capibaribe, então proibido de retomar aquilo que um dia fora seu.

Se pouco podia fazer para retomar o vale, nada podia fazer em relação ao esgoto e ao lixo jogados constantemente às suas águas e margens. Sentindo-se cercado pela sujeira e preenchido por água morta, sem alternativa, admitiu ter sido convertido em depósito daquilo que o homem não mais queria e, trazendo um relance do passado, constatou que onde, um dia, houvera água limpa, agora havia um líquido imundo e contaminado; onde, um dia, todos puderam beber a vontade, agora ninguém arriscava sequer um banho; onde, um dia, houvera vida, florescia um deserto, quebrado apenas pelos seres rudimentares do mundo da lama.

Estava a beira da morte e, em seus últimos suspiros, o Capibaribe percebeu que se dera em holocausto para garantir vida a um vale que, agora, lhe dava as costas, talvez sem saber que, sem ele, também morreria.

Buenos Aires, 23 de fevereiro de 2011.